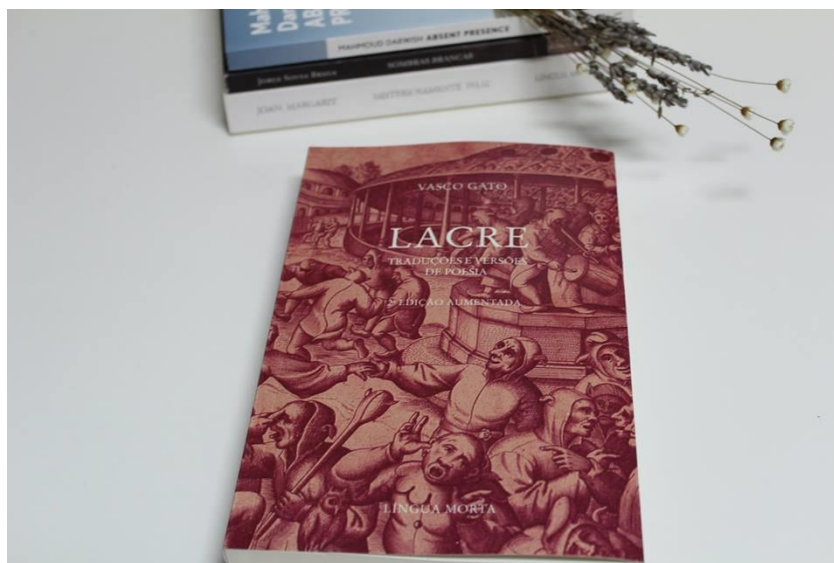


Recensão de “Lacre: traduções e versões de poesia, 3ª versão aumentada”, de Vasco Gato

Lisboa: Língua Morta, 2017.

Depósito Legal:422814/17

Nº de páginas: 388.



<https://www.facebook.com/flaneurlivros/photos/pcb.1732064577084366/1732064320417725/?type=3&theater>

Nuno Brito

University of California, Santa Barbara

O poema é uma obra aberta que não acaba nunca, que permite um renascimento contínuo, um acender permanente da linguagem, o poema nasce outra vez no momento da sua leitura, mas também no momento do seu verter para outra língua, que implica em si mesmo um nascimento, porque cada língua é uma constelação de possibilidades que implica vibrações semânticas próprias. Cada palavra em cada língua tem a sua vibração e vertê-la para outra língua implica uma aderência mas também um novo nascimento, por isso mesmo o que *Lacre* de Vasco Gato nos oferece são versões, ou doutra forma, renascimentos de poemas que nos oferecem um mapa dos seus afetos, das suas aderências, dos seus instantes de acendimento. “Começa a vida nova”, poderia também dizer Dante de cada poema vertido para outra língua, uma nova viagem, uma migração para outro corpo, um outro corpo linguístico. *Lacre* trata-se de uma leitura acesa que nos ilumina uma constelação escolhida, pessoal, afetiva, um universo de 104 poetas, de distintos países e contextos, que

passam a dialogar nesta obra através do português. Uma obra que se afirma como um mapa vivo que faz comunicar poéticas como as de Williams Carlos Williams, Lezama Lima, Yeats, Paul Celan, Lawrence Ferlinghetti, Diana Di Primma, Eugénio Montale, ou Fernando Valverde, um tempo que privilegia o século XX mas que se assume como um diálogo inter-geracional e interlinguístico (uma correspondência de afetos e de partilhas intemporais) que nos mostra uma grande diversidade de formas, conteúdos, temas e estilos que se unem pela visão da poesia como um espaço de possibilidade, *Lacre* é um espaço de comunicações raras, inusitadas, imprevistas, inesperadas, uma obra que rompe com a linearidade de um início e um fim, com toda a sucessão e que pede ser aberto num gesto intuitivo, marcado e sublinhado, acendido, algo nele nos remete para um tempo que não é o nosso, mas o próprio batimento poético. “É este o lugar de uma vida” (5), nos diz Vasco Gato no texto introdutório “Notas a um destinatário”, é este o lugar de uma vida, um corpo poético plural que afirma a sua unidade diversa, que nos mostra o espaço poético tal como Emily Dickinson o viu, um espaço que habita a possibilidade, “uma casa mais ampla do que a prosa”.

Recebido para publicação em 11-12-17; aceito em 18-02-18